

conhecido, de estranho conforto, preparando-o para enfrentar dignamente todos os amargores.

Sim — murmurou de leve — sempre Jesus!... Sempre Jesus!... Sem êle e sem os ensinios de suas palavras que nos enchem de coragem e de fé para alcançar um reino de paz no porvir da alma, não sei bem o que seria das criaturas humanas, agrilhoadas ao cárcere dos sofrimentos terrestres... Sete anos de padecimentos infintos na soledade dos meus olhos mortos, figuram-se-me sete séculos de aprendizado cruel e doloroso! Somente assim, porém, poderia chegar a entender a lição do Crucificado!

O velho patricio, todavia, em pronunciando a palavra "crucificado", reconduziu o pensamento a Jerusalém, na Páscoa do ano 33. Recordou que tivera em mãos o processo do Emissario Divino, e só então ponderou a tremenda responsabilidade em que se vira envolvido naquele dia inolvidavel e doloroso, exclamando depois de longa pausa:

— E pensar que, para um espirito como aquele, não houve sequer um gesto decisivo de defesa, da nossa parte, no angustioso momento da cruz infamante!... Para mim, que agora vivo tão sómente das minhas recordações amargas, parece-me vê-lo ainda á frente dos meus olhos, com os tristes estigmas da flagelação!...

"Nele, concentrava-se todo o amor supremo do céu para redenção das misérias da Terra e, entretanto, não vi pessoa alguma trabalhar pela sua liberdade, ou agir ativamente em seu favor!...

— Menos alguém... — exclamou Ana, inopinadamente.

— Quem chegou a ter êsse gesto nobre? — perguntou o velho cego, admirado. "Não me constou que alguém o defendesse.

— E' porque ignorastes, até hoje, que vossa digna consorte e minha inesquecivel benfeitora, atendendo aos nossos rogos, se dirigiu imediatamente a Pôncio Pilatos, tão logo o triste cortejo havia saído da corte provincial romana, para interceder pelo Messias de Nazaré, injustamente condenado pela multidão enfurecida. Recebida

pelo governador no seu gabinete particular, foi em vão que a nobre senhora implorou compaixão e piedade para o Divino Mestre.

— Então Lúvia chegou a dirigir-se a Pilatos para suplicar por Jesus? — perguntou o senador interessado e perplexo, recordando aquela tarde angustiosa da sua vida e rememorando as calúnias injuriosas de Fúlvia, a respeito de sua mulher.

— Sim — respondeu a serva — por Jesus, seu coração magnânimo desprezou todas as convenções e todos os preconceitos, não vacilando em atender ás nossas supplicas, tudo fazendo por salvar o Messias da morte infamante!...

Públio Lentulus sentiu, então, grande dificuldade para externar seus pensamentos, com a garganta sufocada de emoção, dentro de suas amargas lembranças, e com os olhos mortos, mareados de lágrimas...

Ana, porém, recordou todos os pormenores daquele crepúsculo doloroso, relatando suas passadas emoções, enquanto o senador e a filha lhe escutavam a palavra, tomados de pranto no caminho da dor, da gratidão e da saudade.

E era desse modo que, ao fim de cada dia, sob o céu brilhante e perfumado de Pompéia, aquelas três almas se preparavam para as realidades consoladoras da morte, dentro da claridade terna e triste das lições amargas do destino, na esteira das recordações amigas e carinhosas.

## X

### NOS DERRADEIROS MINUTOS DE POMPÉIA

Em radiosa manhã do ano de 79, toda Pompéia despertou em rumores festivos.

A cidade havia recebido a visita de um illustre questor do Império e, naquele dia, todas as ruas se movimentavam em alauidade barulhenta, aguardando-se, para



breves horas, as festas deslumbrantes do anfiteatro, com que a administração desejava celebrar o evento, em meio da alegria geral.

Para o velho senador Públio Lentulus, o acontecimento se revestia de importância especial, porquanto, o distinto hóspede de Pompéia lhe trazia uma significativa mensagem, bem como honrosas deferências de Tito Flavius Vespasiano, então imperador, na sucessão de seu pai.

Ainda mais.

No séquito do questor ilustre, vinha, igualmente, Plínio Severus, em plenitude de maturidade, totalmente regenerado e considerando-se agora redimido, no conceito da esposa e daquele que o seu coração considerava como pai.

Nesse dia, enquanto Ana comandava, verbalmente, as atividades domésticas nos preparativos da recepção, mobilizando os escravos e servos numerosos. Públio e filha se abraçavam comovidos, em face da cariciosa surpresa que o destino lhes reservara, embora tardiamente. Avisados por mensageiros da caravana de patrícios ilustres, davam larga às emoções mais gratas do espírito, na doce perspectiva de acolherem o filho pródigo, tantos anos distante de seus braços carinhosos e amigos.

Antes do meio dia, um deslumbramento de viaturas, de cavalos ajaezados e de joias faiscantes sobre vestiduras reluzentes, se deparava às portas da vila plácida e graciosa, provocando a admiração e o interesse curioso das vizinhanças. E, em seguida, foi um turbilhão de abraços, carinhos, palavras confortadoras e generosas.

Quasi todos os patrícios em excursão pela Campânia, conheciam o senador e sua família, representando esse acontecimento um suave encontro de corações.

Públio Lentulus abraçou Plínio, demoradamente, como se o fizesse a um filho bem amado, que voltasse de longe e cuja ausência houvera sido excessivamente prolongada, embora experimentasse no íntimo um complexo de emoções carinhosas que o seu coração dominou, para não provocar a admiração injustificada dos circunstantes.

— Meu pai, meu pai! — disse o filho de Flaminio em tom discreto e quasi imperceptível aos seus ouvidos, quando lhe beijava a fronte encanecida — já me perdoastes?

— O' filho, como tardaste tanto?!... Quero-te como sempre e que o céu te abençoe!... — respondeu o velho cego emocionado.

Daí a instantes, após o doce encontro entre Plínio e sua mulher, exclamou o questor em meio do silêncio geral:

— Senador, honro-me em trazer-vos preciosa lembrança de César, acompanhada de uma mensagem de reconhecimento da alta administração política do Império, um dos mais fortes e mais justos motivos de minha permanência em Pompéia, e incumbo o nosso amigo Plínio Severus de vos entregar, neste momento, estas relíquias que representam uma das mais significativas homenagens do Império, ao esforço de um dos seus mais dedicados servidores!...

Públio Lentulus sentia bem a suprema emoção daquela hora.

A homenagem do imperador, a carinhosa presença dos amigos, a volta do genro aos seus braços paternos, representavam para o seu coração uma alegria entoncedora.

Seus olhos, entretanto, nada podiam ver. Do seio da sua noite, ouvia aqueles apelos generosos, como um desterrado da luz, de quem se exumassem as recordações mais carinhosas e mais doces.

— Amigos — disse, enxugando uma lágrima furtiva nos olhos apagados — tudo isso é para mim a maior recompensa de uma vida inteira. Nosso imperador é um espírito excessivamente generoso, porque a verdade é que nada fiz para merecer o reconhecimento da pátria. Minhalma, todavia, exulta de contentamento convosco, meus patrícios, porque a nossa reunião nesta casa é símbolo de união e de trabalho, nos elevados encargos do Império!...

Nesse instante, contudo, alguém tomava-lhe as mãos encarquilhadas, levando-as aos lábios húmidos, deixan-



do, porém, nas pequeninas conchas das rugas duas lágrimas ardentes.

Plínio Severus, num gesto espontaneo, ajoelhara-se e, osculando-lhe as mãos, dava expansão ao seu afeto e reconhecimento, ao mesmo tempo que lhe fazia entrega da mensagem imperial, que o velho senador não mais podia ler.

Públio Lentulus chorava comovido, sem poder pronunciar uma única palavra, tal a emoção que lhe avassalava o íntimo, enquanto os circunstantes lhe acompanhavam as atitudes com os olhos rociados de pranto.

Nesse interim, o filho de Flamínio não mais se conteve e consagrando a sua regeneração espiritual, exclamava enternecido:

— Meu querido pai, não choreis, se aqui nos achamos todos para comungar da vossa alegria!... Diante de todos os nossos amigos romanos, com a homenagem do Império, eu vos entrego o meu coração regenerado para sempre!... — Se estais agora cégo, meu pai, não o estais pelo espírito, que sempre procurou dissipar as sombras e remover tropeços do nosso caminho!... Continuareis guiando os meus e os nossos passos, com as vossas antigas tradições de sinceridade e de esforço, na retidão do proceder!... Voltareis comigo para Roma e junto de vosso filho rehabilitado, reorganizareis novamente o palácio do Aventino... Serei, então, para todo o sempre, uma sentinela do vosso espírito, para vos amar e proteger!... Tomarei minha esposa a meu inteiro cuidado e, dia a dia, tecerei para nós três uma auréola de venturas novas e indefiníveis, com os milagres da minha afeição imorredoura! Em nossa casa do Aventino florescerá uma alegria nova, porque hei de prover todas as vossas horas com o amor grande e santo de quem, conhecendo todas as duras experiências da vida, sabe agora valorizar seus próprios tesouros!...

O velho senador, alquebrado pelos anos e pelos mais rudes sofrimentos, conservava-se de pé, acariciando os cabelos do genro, igualmente prateados pelos invernos da vida, enquanto pesadas lágrimas rompiam a muralha da sua noite para enternecer o coração de todos,

numa angustiosa e indefinível emotividade. Flávia Lentília chorava, igualmente dominada por íntimas sensações de felicidade, ao cabo de tão longas e desalentadas esperanças!... Alguns amigos desejavam quebrar a solenidade dolorosa daquele quadro imprevisto, mas o proprio questor, que chefiava a caravana de patrícios ilustres, se ocultara num recanto, sensibilizado até às lágrimas.

Públio Lentulus, contudo, compreendendo que somente ele proprio poderia modificar as disposições daquela paisagem sentimental, reagiu ás emoções, exclamando:

— Levanta-te, meu filho!... Nada fiz para me agradeceres de joelhos... Por que me falas d'êste modo?... Voltaremos para Roma, sim, em breves dias, pois todos os teus desejos são os nossos... Regressaremos á nossa casa do Aventino, onde, juntos viveremos para relembrar o preterito e venerar a memória dos nossos antepassados!

E, depois de uma pausa, continuou, em exclamações quasi otimistas:

— Meus amigos, sinto-me comovido e grato á gentileza carinhosa de todos vós! Mas, que é isso? Todos silenciosos? Lembrem-se que não vos vejo senão através das palavras. E a festa de hoje!...

As exclamações do senador quebraram o silêncio geral, voltando-se aos intensos ruídos de minutos antes. A torrente das palestras casava-se ao tinir das taças de vinho, em seus pesados estilos da época.

Enquanto as visitas se reuniam no triclinio espaçoso para libações ligeiras, Plínio Severus e a esposa trocavam confidências cariciosas e ternas, ora sôbre os projetos em perspectiva para os anos que ainda lhes restavam no mundo, ora quanto ás recordações dos dias lentos e amargurados do passado distante.

Insistentes chamados, porém, requeriam a presença do questor e comitiva, no local dos festejos.

O circo fôra preparado a rigor e não se perdera nenhuma oportunidade para a revelação das menores minudências, proprias das grandes festividades romanas.



E, ao mesmo tempo que todos se despediam do senador e da filha, num deslumbramento de felicidade mundana, Plínio Severus dirigia-se a Públio nestes termos, depois de abraçar ternamente a companheira:

— Meu pai, levado pelas circunstâncias, sou compelido a acompanhar o questor nas festividades populares, mas estarei de regresso em breves horas, para ficar convosco um mês, de modo a tratarmos do nosso regresso á Roma.

— Muito bem, meu filho — respondia o velho senador sumamente confortado — acompanha os nossos amigos e representa-me junto das autoridades. Dize a todos da minha emoção e do meu agradecimento sincero.

A sós novamente, o senador sentiu que aquelas co-moções cariciosas e alegres eram, talvez, as últimas da sua vida. No velho peito, o coração batia-lhe descompassado, como se pesada nuvem de pensamentos tristes o envolvesse. Sim, a volta de Plínio aos seus braços paternos era a alegria suprema da sua velhice desalentada. Sabia, agora, que a filha poderia contar com o espóso, nas estradas do seu tormentoso destino e que a ele somente lhe competia aguardar a morte resignado. Ponderando as palavras afetuosas do filho de Flamínio e os seus carinhosos apelos ao passado remoto, Públio Lentulus considerou, intimamente, que era muito tarde para regressar ao Aventino e que a volta á Roma apenas devia significar, para o seu espírito precito, o símbolo da sepultura.

Em pleno espetáculo, Plínio Severus, já no outono da vida, arquitetava os seus planos para o futuro. Procuraria resgatar todas as faltas antigas, perante os seus parentes afetuosos e queridos; assumiria a direção de todos os negócios do velho pai pelo coração, aliviando-o de todas as angustiosas preocupações da vida material.

De vez em quando, os aplausos da multidão lhe interrompiam os devaneios. A maioria da população de Pompéia ali estava em plena festa, ovacionando os triunfadores. Gente de toda a redondeza e muito particularmente de Herculanium, acorrera pressurosa ao di-

vertimento predileto daquelas épocas recuadas. De per-meio com os atletas e gladiadores, estavam os músicos, os cantores e os dansarinos. Tudo era um farfalhar de sedas, um delicioso espoucar de alegrias ruidosas, ao som de flautas e alaúdes.

Em dado instante, porém, a atenção geral foi solicitada por um fato estranho e incompreensível. Do cimo do Vesúvio eleva-se grossa pirâmide de fumo, sem que ninguém atinasse com a causa do fenomeno insólito.

Continuavam os jogos animadamente, mas, agora, no seio da coluna fumarenta que se elevava em caprichosos rolos para o alto, surgiam impressionantes labaredas...

Plínio Severus, como todos os presentes, se surpreendia com o fenomeno estranho e inexplicavel.

Em minutos breves, no entanto, estabeleciam-se no anfiteatro a confusão e o terror.

Em meio da perturbação geral e imprevista, o filho de Flamínio ainda teve tempo de se aproximar do questor, então rodeado dos seus familiares, que residiam na cidade, o qual lhe falou com otimismo, embora não conseguisse dissimular, de todo, as suas íntimas inquietações:

— Meu amigo, tenhamos calma! Pelas barbas de Júpiter!... Então, por onde andarão a nossa coragem e a nossa fibra?

Mas, em breves instantes, a terra lhes tremia sob os pés, em vibrações desconhecidas e sinistras. Algumas colunas tombavam ao solo, pesadamente, enquanto numerosas estátuas rolavam dos nichos improvisados, recamados de ouro e pedrarias.

Abraçando-se, então, á filha e cercado de numerosas senhoras, o questor lhes disse altamente preocupado:

— Plínio, demandemos as galéras, sem demora!... Minha embarcação nos espera pouco distante d'este local.

Mas, o official romano não mais ouviu os apelos. Ansiosamente, atirou-se á faina de romper a multidão, que desejava retirar-se em massa, do circo, motivando o esmagamento de crianças e pessoas mais idosas,



Ao cabo de sobrehumano esforço, conseguiu alcançar a rua, mas todos os lugares estavam tomados pela massa que saía de casa, desarvorada, aos gritos de "Fogo!... Fogo!... O Vesúvio!..."

Plínio verificou que todas as vias públicas estavam repletas de gente desesperada, de viaturas e de animais espavoridos.

Com enorme dificuldade, vencida todos os obstáculos, mas o Vesúvio lançava agora, para o céu, uma fogueira indescritível e imensa, como se a própria terra houvera incendiado as entranhas mais profundas.

Uma chuva de cinza, a princípio quasi imperceptível, começou a cair, enquanto o solo continuava a tremer, com ruidos surdos, inexplicáveis.

De instante a instante, ouvia-se o estrondo pavoroso de colunas derribadas ou de edificios desmoronados pelos abalos sísmicos, ao mesmo tempo que o fumo do vulcão ia eclipsando a confortadora claridade solar.

Mergulhada em penumbra espessa e tomada de terror indizível, Pompéia assistia aos seus últimos instantes, numa aflição desesperada... (1)

Na vila dos Lentulus, os escravos perceberam imediatamente o perigo proximo. Nos primeiros momentos, os cavalos relinchavam estranhamente e as aves inquietas fugiam em despêro.

Após a queda das primeiras colunas que sustentavam o edificio, todos os servos do senador abandonaram precipitadamente os postos, desejosos de conservar noutra parte os bens preciosos da vida. Sómente Ana ficara junto dos amos, dando-lhes conhecimento dos horrores do ambiente.

Os três, numa justificada inquietude, esentaram o rumor horrível da inolvidável catástrofe do Império. A propria vila, em parte, estava já meio destruída, penetrando as cinzas pelos telhados derruidos e começando

(1) Nota do editor: este trecho desperta interesse e atenção do leitor curioso e inteligente, pela similitude que oferece com a descritiva de outro romance mediúnico e também precioso, qual o *Herculanum*, do Conde de Rochester.

a sua obra de lenta sufocação. Ansiavam todos pelo regresso imediato de Plínio, afim-de resolverem as providências a adotar, mas o velho senador, cujo coração não se iludia nos seus amargurados presentimentos, exclamou em tom quasi resignado:

— Ana, traze a cruz de Simeão e vamos á prece que te foi ensinada pelos discípulos do Messias!... Diz-me o coração que é chegado o fim da nossa romagem pela Terra!

Enquanto a serva buscava apressadamente a reliquia do ancião da Samária, afrontando o perigo das paredes oscilantes, Públio Lentulus ouvia o surdo rumor da terra dilacerada e os gritos apavorantes e sinistros do povo, misturados ao barulho tremendo do vulcão que, transformado em fornalha imensa e indescritível, enchia toda a cidade de cinzas e lavas comburentes. Lembrou-se, então, o senador, das afirmativas de Cristo nos dias idos da Galiléa, quando lhe asseverava que toda a grandeza romana era bem miseravel e num minuto breve poderia o Império ser reduzido a um punhado de pó. O coração batia-lhe descompassado naquele minuto extremo, mas a velha serva havia regressado e ajoelhou-se, serena, guardando nas mãos a lembrança de Simeão e de Lúvia, orando em voz comovedora e profunda:

“Pai Nosso, que estais no céu... santificado seja o vosso nome... venha a nós o vosso reino... seja feita a vossa vontade... assim na terra, como nos céus...”

Nesse instante, porém, a voz da serva emudeceu subitamente, enquanto seu corpo rolava sob novos escombros, sentindo-se ela amparada, espiritualmente, pelo veneravel samaritano que a conduziu, imediatamente, ás mais elevadas esferas espirituais, tal a pureza do seu coração lucificado nas dores e testemunhos mais angustiosos do aprendizado terrestre.

— Ana!... Ana!... — exclamavam o senador e Flávia soluçantes, sentindo ambos pela primeira vez o infortúnio do isolamento supremo, sem uma luz e sem um guia, em pleno desamparo!



Alguem, contudo, rompera todos os destroços e chegava, rápido, até aquela câmara interior e, abraçando Públio e sua filha, gritava em voz opressa: — “Flávia, meu pai, aqui estou...”

Plínio chegava, afinal, para o instante derradeiro. Flávia Lentúlia apertou-o carinhosamente nos braços, enquanto o velho senador semi-asfiziado tomava as mãos do filho, abraçando-se os três num amplexo caricioso e derradeiro.

Flávia e Plínio quizeram falar, mas uma grossa camada de cinzas penetrava o interior, pelas fendas enormes da vila meio destruída...

Mais um estremeção do solo e as colunas que ainda restavam de pé se abateram sobre os três, roubando-lhes as últimas energias e fazendo-os cair assim, enlaçados para sempre, sob um montão de escombros...

Naquelas sombras espessas, todavia, pairavam criaturas aladas e leves, em atitudes de prece, ou confortando ativamente o coração abatido dos miseros condenados á destruição.

Sobre os três corpos soterrados permanecia a entidade radiosa de Lúvia, junto de numerosos companheiros que cooperavam, com devotamento e precisão, nos serviços de desprendimento total dos moribundos.

Pousando as mãos luminosas e puras na fronte abatida do companheiro exausto e agonizante, Lúvia elevou os olhos ao firmamento enegrecido e orou com a suavidade da sua fé e dos seus sentimentos diamantinos:

— Jesus, meigo e divino Mestre — esta hora angustiosa é bem um símbolo dos nossos erros e crimes, através de avatares tenebrosos; mas, vós, Senhor, sois toda a esperança, toda a sabedoria e toda a misericórdia!... Abençoai nosso espírito neste momento ríspido e doloroso!... Suavizai os tormentos da alma gêmea da minha, concedendo-lhe neste instante o alvará da liberdade espiritual!... Aliviai, magnânimo Salvador do mundo, todas as suas mágoas pungentes, suas desoladoras amarguras!... Concedei-lhe repouso ao coração angustiado e dolorido, antes do seu novo regresso á tra-

ma escura das reencarnações no planeta do exílio e das lágrimas dolorosas... Ele já não é mais, Senhor, o vaidoso déspota de outrora, mas um coração inclinado ao bem e á piedade pregados pela vossa doutrina de amor e redenção, sob o peso das provações amargas e remissoras, seus pendores se lucificaram á caminho da vossa Verdade e da vossa Vida!...

E, enquanto Lúvia orava, o senador abraçado aos filhos, já cadaveres, desferia o último gemido, com uma pesada e grossa lágrima a lhe cintilar nos olhos mortos...

Numerosas legiões de seres espirituais evolutiram, por vários dias, nos céus caliginosos e tristes de Pompéia.

Ao cabo de longas perturbações, Públio Lentulus e seus filhos despertaram, ali mesmo, sobre o túmulo nevoento da cidade morta.

Em vão, o senador chamou pela presença de Ana ou de algum outro servo, na penosa ilusão da vida material, persistindo em seu organismo psíquico as impressões da cegueira material, que representara o longo suplício dos seus anos derradeiros, na indumentia da carne.

Contudo, após as primeiras lamentações, ouviu uma voz cariciosa que lhe dizia brandamente:

— Públio, meu amigo, não apeles mais para os recursos do planeta terreno, porque todos os teus poderes terminaram com os teus despojos, na face escura e triste da Terra! Apela para Deus Todo-Poderoso, cuja misericórdia e sabedoria nos são dadas pelo amor do seu Cordeiro, que é Jesus Cristo!...

Públio Lentulus não chegou a lobrigar o interloquutor, mas identificou a voz de Flamínio Severus, desabafando, então, numa torrente de preces e de lágrimas fervorosas e ardentes.

Embora as dedicações constantes de Lúvia, havia já alguns dias que seu espírito se encontrava presa de pesadelos angustiosos, nos primeiros instantes da vida do Além, assistido, porém, continuamente por Flamínio e outros companheiros abnegados, que o aguardavam no plano espiritual.



Contudo, depois daquelas súplicas sinceras que lhe fluíam do mais recôndito do coração, sentiu que seu mundo interior se desanuviara... Junto dos filhos queridos, recobrou a visão e reconheceu os seus entes queridos, com lágrimas de amor e reconhecimento, nos pórticos do além-tumulo.

Alí se conservavam numerosos personagens desta historia, como Flamínio, Calpúrnia, Agripa, Pompílio Crasso, Emiliano Lucius e muitos outros; mas, em vão, os olhos angustiosos do ex-senador procuravam alguém na assembléia afetuosa e amiga.

Depois de todas as expansões de carinho e alegria dirigiu-se-lhe Flamínio, intencionalmente:

— Estranhas a ausência de Lúvia — dizia êle com o seu olhar complacente e generoso — mas, não poderás vê-la, enquanto não conseguires despir, pela prece e pelos bons desejos, todas as impressões penosas e nocivas da Terra. Ela se tem conservado junto do teu coração, em rogativas sinceras e fervorosas pelo teu reerguimento, mas o nosso grupo ainda é de espíritos muito apegados ao orbe, e esperavamos o regresso dos seus últimos componentes, ainda na Terra, para podermos, em conjunto, estabelecer um novo roteiro ás reencarnações vindouras... Séculos de trabalho e de dor nos esperam na senda da redenção e do aperfeiçoamento, mas precisamos, antes de tudo, buscar a fortaleza precisa, em Jesus, fonte de todo o amor e de toda a fé, para as elevadas realizações do nosso pensamento!...

Públio Lentulus chorava, tocado por emoções estranhas e indefiníveis...

— Meu amigo — continuava Flamínio carinhoso — pede a Jesus, por todos nós, a misericórdia dessa clareza de um novo dia!...

Públio, então, ajoelhou-se e, banhado em lágrimas, concentrou o coração em Jesus numa rogativa ardente e silenciosa... Alí, na soledade da sua alma intrépida e sincera, apresentava ao Cordeiro de Deus o seu arrependimento angustioso, suas esperanças para o porvir, suas promessas de fé e de trabalho para os séculos porvindouros!...

Todos os presentes lhe acompanhavam a oração, tomados de pranto e mergulhados em vibrações cariciosas de uma consolação indefinível...

Viram então, rasgar-se um caminho luminoso e florido nos céus escuros e tristes da Campânia, e, por ele, como se descessem dos jardins fulgurantes do paraíso, surgiram Lúvia e Ana abraçadas, como se ainda alí enviasse Jesus um ensinamento simbólico áquelas almas prisioneiras da Terra, de modo a lhes revelar que, em qualquer posição, pode a alma encarnada buscar o seu reino de luz e de paz, de vida e de amor, tanto na libré do escravo, como na pomposa indumentária dos senhores.

O velho patrício contemplou a figura radiosa da companheira e, extasiado, fechou os olhos banhados no pranto da compunção e do arrependimento, mas, em breve, dois lábios de névoa pousavam-lhe na fronte, qual o leve roçar de um lírio divino. E, enquanto seu coração maravilhado se lavava nas lágrimas da alegria e do reconhecimento a Jesus, toda a caravana, ao impulso poderoso das preces fervorosas daquelas duas almas redimidas, elevava-se á esferas mais altas, para repouso e aprendizado, antes de novas etapas de regeneração e de trabalhos purificadores, a lembrar um grupo maravilhoso de luminosas falenas do Infinito!...